

Ilustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTISTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de
Composição e Impressão
Rua Formosa, 43-CISSOR



A Historia das Cousas Fricolas: Escrevendo na areia
(Cliché da FROT. VASQUES)

Assinatura da «Illustração Portuguesa» para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno.....	45800 réis
• semestre.....	25400 •
• trimestre.....	18200 •

Assinatura conjunta do «Seculo», «Supplemento Humoristico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno.....	85000 réis
• semestre.....	48000 •
• trimestre.....	28000 •
• mez (em Lisboa).....	700 •



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente

GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Br.
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO
para crianças e pessoas
edosas.

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem aumento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Alemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo

Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotéis.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA



Academia alemã para engenheiros
Uismar a. d. Ostsee, para engenheiros machinistas e electricistas, architectos e engenheiros de obras.

CASTANHEIRO

ARMADORES ESTOFADORES

PRAÇA LUÍZ DE CAMÕES 88 - LISBOA

TELEPH. 1346

ENDERGO TELEGRAPHIC (CASTALL)

COMO SE FAZ UMA FITA DE CINEMATOGRAHO

No alto das Aguas Livres alguns dos nossos populares artistas, vestidos nos trajos do baixo povo d'uma epoca já distante, dando aos rostos expressões extranhas, escondendo-se junto aos torreões, lançando-se sobre outros actores que passavam fingindo despreocupaçào, tudo isso feito á luz do sol como representando n'um maravilhoso theatro ao ar livre com o scenario do aqueducto, dos montes, do rio sito correndo cá em baixo, era deveras curioso na tarde cheia de amenidade e de pittoresco. Quem visse das terras aquelles homens movendo-se, fazendo luzir fa-

lões, mulheres com trajos de camponias passando deante dos torreões brancos, julgaria ter recuado n'aquella famosa machina do tempo de que nos fala Wells, o phantastico, e estar assistindo aos crimes do bandido celebre que fez do aqueducto campo das suas proezas. Era Diogo Alves que lá em cima andava na sua faina assassina ou antes era um actor que reproduzia os seus gestos violentos, deante do foco d'uma machina, para se fazer uma fita cinematographica portugueza cheia de drama, d'impressào, d'uma grande nota tragica para

juntar a outros trabalhos feitos pelos srs. Cardoso e Correia, que foram os executores da fita das grandes caçadas no Gerez promovidas pela *Illustração Portugueza*, cujas photographias tinham sido tiradas por estrangeiros mandados vir propositadamente pela Empresa Cinematographica, e que tanto agradaram ao ser apresentadas em alguns salões da capital.

Era para o cinematographo todo aquelle movimento, todo aquelle bulicio feito no local celebrado como outras scenas já tinham sido preparadas com scenarios de tabernas lobreugas, com assaltos a casas subindo o actor por alçapões cavados elevando nos olhos o brilho da ferocidade, como outras se fariam reconstituido o tribunal para o quadro do julgamento como a forca com todo o seu apparato



No momento de operar



de horrores. A fita portugueza! Que serie de reconstituições da historia, que quadros epicos da nossa vida a apresentar! Todos os heroes legendarios, todas as grandes amorosas, todas as maravilhas da conquista e toda essa tragedia de nobres e plebeus, de dominios religiosos com as suas fogueiras, os seus autos de fé, que teem vindo a correr nas paginas do livro nacional!



Isso realisa-se com uma longa e estreita fita fabricada no estrangeiro, uns cincoenta ou cem metros sem a menor mancha e que n'aquellas officinas portuguezas são perfuradas n'uma machina, o que exige cuidados extremos, picando-a com intervallos eguaes, para se metterem depois nos *magazines* e logo no aparelho com que se vae operar diante d'aquellas scenas que se improvisam como a dos Arcos das Aguas Livres onde os actores representaram o drama do bandido que ta sendo photographado habilmente.



1 — No quarto escuro: a revelagem que se consegue fazer com a maxima rapidez obtendo-se mil metros de fita n'uma hora
2—A lavagem das fitas

Está-se então deante do assumpto, em face das scenas preparadas ou das couças vivas, perante um incendio, ou d'um acto theatral, e fica essa fita impressionada pelas physionomias, pelos gestos, pelos movimentos, pela paizagem n'uma rapidez enorme até que entra no banho revelador. Enroladas as fitas em grandes são depois mettidas em tanques onde ha até dois mil litros d'agua. Faz-se ainda a seccagem, pondo-



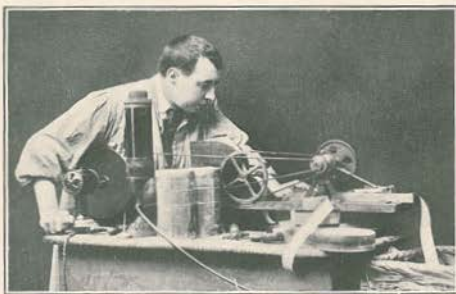
se a fita em grandes tambores collocados em casas especiaes, ou em estufas, a que muitas vezes se applicam ventoinhas, a fim do trabalho ser feito com a maxima rapidez. E' necessario então fazer os positivos com as mesmas operações de revelagem, lavagem e seccagem. São essas as fitas que se apresentam ao publico, são essas longas tiras que vão mostrar no quadro dos cinematographos as scenas mais phantasticas, utilizando-se para isso as paizagens curiosas, os monumentos, toda essa existencia de hoje e tambem



1—A estufa para a seccagem vendo-se á esquerda o grande cylindro de movimento para a operação rapida
2—Officina de collagem e acabamento

quadros a que a phantasia empresta singularidades, as scenas mais cruéis e as mais patuças; a reconstituição do passado com os amores dos reis no fundo dos seus palácios, a vida dos picaros dos cafés populares de todo o mundo, a historia dos grandes homens, a epopeia das guerras napoleonicas, tambem a tragedia burgueza, o comico das mais extravagantes situações e ainda a reproducção das magicas onde ha toda a doce poesia dos contos de fadas maravilhosamente reconstituída.

O cinematographo! Se esse apparelho tivesse exis-



tido no passado, se operasse nas velhas civilizações, como seria facil a tarefa de as reconstruir agora e como veriamos attonitos, e ávidos, ali deante dos nossos olhos, passar os factos que nos fazem sonhar ante a sua evocação. Seria a vida de Carthago com as suas audacias, de Roma com o seu luxo, de Constantino-pla imperial com as suas cortezãs, as feições de Nero, e as de Thais, de Santo Agostinho e dos gladiadores que se batiam no grande Colyseu. Tudo isso o cinematographo reconstitue hoje, em reproducções evocadas, feitas com personagens do nosso tempo, envengadas nos trajos d'aquellas epocas tão distantes e tão bellas, com os seus mysterios e com a sua vida cheia de pitoresco, de movimento d'agitação.



1 — A perfuração das fitas que se obtem n'um apparelho especialissimo!
 O sr. Correia operando. 2.—Cliché obtido na execução da primeira fita sincronizada tirada em Portugal. As fitas sincronizadas são as acompanhadas pelo gramophone nas suas projecções. Esta fita reproduz a actriz Julia Mendes na cançoneta a *Grisette*

Faz-se agora a fita portugueza. Não ha duvida que é bella a iniciativa de se reportarem ás scenas mais gloriosas da nossa historia e darem-na n'um scenario de maravilha á mistura com outros episodios n'esse cinematographo que é uma das modernas machinas que mais serve ao nosso espirito, atravez da qual palpitam as scenas de todo o mundo, reproduzidas nos mais diversos pontos. E' por ella que conseguimos vêr as terras pittorescas onde o nosso es-



Grupo de actores que tomaram parte na fita *Diogo Alves*—No primeiro plano sentados: srs. Mario Velloso, Arthur Rodrigues, Eduardo Vieira. Segundo plano: srs. Narciso Vaz, Nascimento Fernandes, Luz Velloso, L. Ferreira, Lima Teixeira, Carlos Leal, T. Vieira, Santos. Terceiro plano: srs. Migueis, A. Avellar, Tavares.

pirito viaja, trazidas para a nossa retina no desenrolar d'aquella fita enorme, estreita, que corre rapida, tão rapida quanto o pode desejar a mais veloz phantasia, e que tendo saído das combinações dos sabios, no fim vem servir, ao dar-nos os encantos, a alma dos artistas.



Uma scena da fita *Diogo Alves* na qual se exhibiram os artistas Carlos Leal, Luz Velloso, e de que reproduzimos em orla algumas scenas feitas por outros actores
(Clichés de CARDOSO & CORREIA)



UMA BATALHA DE FLORES EM VIZELLA



A batalha das flores em Vizella foi interessante não só pela concorrência que chamou, mas ainda pelas ornamentações, algumas bem originaes, dos carros e das montadas que appareceram. Durante tres horas houve uma singular animação, risos de mulheres, alegria, aquelle bello sol, surprezas curiosas das creanças que appareciam e que foram a mais bella nota d'essa



- 1—A pequena amazona Nininha Braga
- 2—Carro de rosas, papoulas e borboletas dos srs. Julio Braga e Carlos Ramos
- 3—Carro enfeitado a rosas chá do sr. José de Mello e familia

festa. N'um cysne armado sobre um carro surgia a cabeça formosa d'uma pequenita, a sua facesita fresca, todo o garbo infantil passando por entre as carrua-

gens ornamentadas a rosas e a violetas, a cravos, a tulipas, a papoulas e malmequeres n'uma profusão enorme e pouco vista em espectáculos d'este genero. Além das carruagens appareceram tambem oito automoveis. Na festa tocaram bandas de musicas que muito concorreram

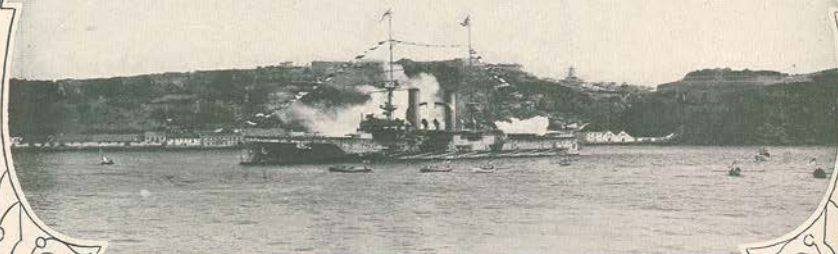


- 1—Carro das papoulas do sr. Joaquim Salgado e irmãos
- 2—Carro do Cysne da sr.ª D. Maria das Dóres Braga
- 3—Victoria: violetas e rosas dos srs. Antonio Mattos, Affonso Leal, José Placido e Ferreira Nunes

para a animação da batalha de flores realisada na formosa estancia de Vizella.



ESQUADRA INGLEZA EM LISBOA



- 1—A entrada no quadro:
Saudando o porto

- 2—Alguns excursionistas
admirando a paisagem d'um
torreão da Pena

- 3—O vice-almirante Jackson
e o 1.º tenente sr. Augusto do Valle

- 4—Em Cintra: Grupos de officiaes
inglezes e portuguezes
no dia em que se realisou
o almoço

O motivo da visita da esquadra inglesa a Lisboa parece ter sido o accentuar mais completamente a solemnidade do convite que o rei de Inglaterra fez a Sua Magestade El-rei o Senhor D. Manuel para visitar Londres no proximo outomno. Durante alguns dias estiveram no Tejo os navios da nação alliada e passaram nas ruas de Lisboa os seus marinheiros.

N'um grande banquete realiado em Cintra confraternisaram os officiaes portuguezes e ingle-



1—Sir Villiers, ministro da Inglaterra em Lisboa, com o sr. Terra Viana, ministro da marinha
2—Salvando a terra 3—O contra-almirante Jackson, com o contra-almirante sr. Cesario da Silva, major general da armada interino
(Chêchê de BENOLIEL)

zes evocando as velhas tradições das suas marinhas e a ligação em varias pelejas dos dois exercitos. A esquadra inglesa deixou o Tejo em 29 de julho, indo juntar-se aos restantes navios da esquadra do Mediterraneo de que fazem parte e que se encontravam em Gibraltar. O commandante da esquadra sir Henry Jackson almoçou no paço da Pena com o chefe d'Estado, que o visitára a bordo do navio almirante couraçado *Bacchante*.



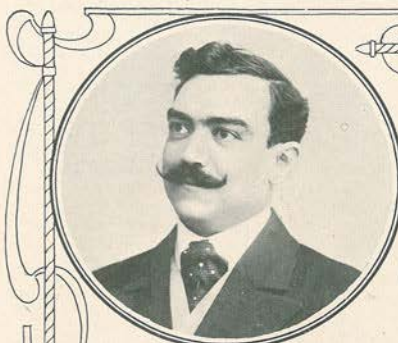
J. LUCIO D'AZEVEDO. — O sr. João Lucio d'Azevedo é uma interessante figura de erudito já de ha muito conhecida e respeitada no nosso meio litterario. Ao seu primeiro *Estudos Paraenses* se seguiu o volume *Os jesuitas no Grão Pará*, estudo documentado e critico, de um altissimo valor subsidiario para a historia do Pará e das missões da Companhia de Jesus. Agora, publicando *O Marquez de Pombal e a sua epocha*, o sr. J. Lucio d'Azevedo veio trazer curiosas notas e ineditas deducções para o estudo da epocha e da personalidade do marquez. O estudo do sr. João Lucio agora publicado é uma obra de invulgar valor, feita com muito talento e fructo de arduo trabalho.

(Cliché de CAMACHO)



WILHELM GRIMM E JACOB GRIMM. — São os celebres auctores dos maravilhosos contos de reputação universal, tão cheios de encanto e de candura, d'um fundo d'arte delicada. Alguns d'esses contos acabam de ser traduzidos pelo sr. Henrique Marques, que já tem outros trabalhos do mesmo genero.

LUCTUOSA



MARIANNO ALGÉOS. — O distincto reporter politico, que falleceu em 28 de julho, era um caracter leal e recto, um amigo devotado, tendo trabalhado durante muito tempo no *Seculo* onde era estimadissimo por todos os seus collegas.

(Cliché de VASQUES)



ANDRÉ LÉPROUX. — Era um illustre engenheiro e director geral da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, que contava muitas sympathias entre os seus subordinados, sendo amigo devotado de Portugal. Falleceu em 28 de julho.

(Cliché de EUGENE PIROU)

AS CANTINAS ESCOLARES



Tem sido admiravelmente secundado o movimento a que o *Seculo* deu tanto impulso relativo ás cantinas escolares que fazem accorrer ás escolas os pequeninos desprotegidos que até se privavam d'ir receber a instrucção cada vez mais necessaria, por falta de trajos e de sustento. Essa obra, que já chegou até á provincia, tem em Lisboa o seu melhor baluarte. Os operarios, pequenos empregados, individuos de varias classes tem trabalhado afincadamente para a realisacão d'esses estabelecimentos modelares e uteis junto das escolas em varias freguezias. Ha semanas inaugurou-se a cantina de Alcantara, que representa, como as outras, uma grande obra de caridade e de amor; ultimamente foi inaugurada a de Santa Catharina, onde houve, como em todas as outras, excellentes vontades a crear essa obra que tantos applausos merece. A commissão que levou a cabo esse empreendimento era composta pelos srs. Antonio Alvoeiro, Andrade e Silva, Alexandre Costa, Augusto Ligorne, Nunes da Motta, Antonio Tavares Macedo e José Valentim. Assistiram á inauguração, que se realisou no dia 1 de agosto, 80 creanças alumnas do Gremio Popular e do Collegio Lisbonense, ás quaes foi servida uma refeição. Em nome do municipio assistiu á festa o sr. Agostinho Fortes, tendo presidido o sr. Pinheiro de Mello. Essa idéa das cantinas escolares caritativa, moralisadora e instructiva, merece o apoio de toda a gente que pela creança de hoje entrevê o homem d'amanhã, o futuro cidadão, que será cheio de bondades recordando-se dos beneficios recebidos.



O GUARDA-SOL
A SOMBRINHA
O CHAPÉU-DE-CHUVA
A BENGALA E O BASTÃO

Foi no Celeste Imperio que o primeiro de sol, se abriu como

sem á torreira do sol devemos concluir com alguma logica, que, ou o

chapéu uma flôr de seda multi-côr, sobre a leviandade vistosa e gracil de uma cabeça feminina.

Dois mil annos antes da era christã, a chineza já não enviezava os olhos de espanto

para o chapéu de sol, e com as pequenas mãos de compridas unhas cinabricas, apoiava-se ao cabo do chapéu, para formar sobre os defeituosos pés, os seus saltinhos meudos. O guarda-sol que os chinezes chamavam *san-kai*, parece comtudo datar da primeira dynastia e até ter sido inventado por uma mulher... o que prova que os senhores criticos não teem muita razão quando nos depreciam, dizendo que nenhuma mulher produziu ainda, uma d'essas grandes obras que passam ás gerações futuras.

E não se trata aqui de uma simples frivolidade luxuosa, mas de um objecto de uso pratico, muito util, indispensavel mesmo, que evolucionou gloriosamente até ao chapéu de chuva, e que se adaptou a todos os paizes, a todas as epocas e a todos os caprichos.

O certo é porém, que essa admiravel invenção de uma obscura chineza, tem sido utilisada afinal, sem escrupulos de especie alguma, por esses desdenhosos criticos, em dias de borrasca... e até nos dias de sol por aquelles que teem a saude mais delicada, pois que os grandes homens são simples mortaes como nós, que ás vezes até nem inventaram cousa alguma!

Da China, o *san-kai* passou á India e depois á Grecia, dizendo-nos a lenda que Pithagoras, ensinava os seus discipulos á sombra de um chapéu. A não ser que os discipulos o escutas-

sem á torreira do sol devemos concluir com alguma logica, que, ou o chapéu era muito grande ou os discipulos eram muito poucos.

Na India o chapéu de sol, era de um luxo precioso e apparecia profusamente nos cortejos reaes, formando um docel feirico de onde aos reverberos ardentes do sol asiatico, o ouro em fusão parecia escorrer por entre o vermelho sanguinolento dos rubis e os reflexos crystalinos dos diamantes, sobre os poderosos rajahs, revestidos dos brocados de ouro e prata de Surate, rodeados de lindas escravas e de bayadéras mal veladas na transparencia iriada dos seus véus diaphanos e ondulantés.

Nos baixos relevos dos palacios e dos templos; nos frescos dos tumulos em Thebas e em Memphis; nas urnas, nas amphoras, nos vasos da Grecia, o guarda-sol foi largamente representado, dando-lhe já os grezas a leveza da sombrinha que depois se fez de seda pintada, de gaze, de tulle, estendendo-se com a frescura do nenuphar e a finura dos lirios, sobre os delicados cabos de madeiras odoriferas.

Ao passo que o chapéu de sol constituia um dos maiores adôrnos entre os romanos, os gregos que os usavam eram mal vistos e considerados libertinos que se furtavam d'esta fórma á vista dos seus deuses, ao que parece muito faceis de enganar...

Em Athenas porém, abriam no sobre os triclinios para occultar a esses deuses, as grandes orgias que assim se celebravam ahí impunemente.

E' sabido que em todas as religiões e em todos os tempos, os homens acharam sempre meio de enganar os deuses para tranquillidade das proprias consciencias.



Em Athenas nas Panatheneias, festas em honra de Minerva, fazia-se uma procissão de virgens que passavam castamente vestidas de branco, sob as umbrellas rythmicas, como sob uma chuva dourada de magnolias.

Entre os presentes oferecidos por Antonio a Cleopatra, figurava um magnifico guarda sol; e de uma passagem de Diodoro da Sicilia, deprehende-se que Aspasia, as tinha lindas.

Os latinos acompanhavam a escrava favorita, segurando sollicitos o guarda sol que radiosamente nimbava em tons raros e preciosos de orchidea, os rostos adorados.

Ovidio em uma das suas poesias mythologicas, mostra-nos Herakles ciumentoso e carinhoso, defendendo com um chapéu de sol a rainha da Lydia, das caricias ardentes do loiro Apollo.

No Egypto, tambem servia de leque e os pharaós chamavam-lhe *flabellum*.

No paiz da flôr azul do lotus, a bella Salambô, passeando no seu carrinho, por entre as tamareiras da sua terra natal, fazia-se acompanhar por um negro com um magnifico *flabellum*.

Tendo sido quasi sempre considerado como um distinctivo de realza ou auctoridade, na Persia era um emblema do poder que abrigava os satrapas, e uma insignia divina collocada nas mãos da celebre Trindade indiana ou *trimurti*: Brahma, Vishnú e Çiva.

No lendario Japão o chapéu de sol polychromo, de papel de arôrêz e varetas de bambu, é um objecto de que o cavalheiro japonnez se não separa nunca.

Nem ha mesmo japonnez sem chapéu de sol!

Nas ruas de Tokio, as *musunés*, as *guetchas*, nos seus brilhantes

tes *kimonos* recamados de arabescos pretaados, de flores de ouro, e de phantasticos passaros de vistosas plumagens sobre-saem exquisitamente no fundo transparente dos seus chapéus caracteristicos de laca e ouro.

Da Africa e da China, os portuguezes importaram para a Europa nos principios do seculo XVII o chapéu de sol.

Parece que a rainha Anna d'Austria, montava a cavallo de cabeça descoberta, seguida por um laciao com um guarda-sol japonnez de seda adamas-

1 e 2—A menina Maria Luiza Horta e Costa, filha do sr. conselheiro Antonio Horta e Costa, vestida de musmé (Chêches da phot. FERNANDES)
3—O carro do imperador da China



cada, apenas orlado por um galão ou uma simples espiguiha á beira, e de comprido cabo, á maneira dos baldaquinos adoptados pelos monarchas e pelas rainhas da India e da Persia e de outros antigos reinos, quando sahiam a cavallo ou mesmo a pé.

Este systema explica-se facilmente pelo peso que os chapéus então deviam ter.

Comquanto a sombrinha tivesse apparecido em França no tempo de Henrique IV, só no reinado de Luiz XIV se tornou mais leve, começando então a ser coberta de seda e franjada de ouro.

Tornaram-se porém n'uns enormes baldaquinos forrados de brocados de ouro com palas recortadas e franjadas em volta e com um pennacho de plumas de avestruz no alto, quando tinham de abrigar uma princeza a cavallo.

O que servia para abrigar a desmetida duqueza de Montpensier—

jas de seda e ouro.

As mulheres elegantes são escoltadas por pretinhos com grandes turbantes, vestidos de côres vivas, começando algumas no entanto a achar gracioso, trazel-a descahida sobre o hombro.

Em 1770 o chapéo de sol não era ainda de abrir e fechar.

No seculo XVIII tem a fórma chinesa, de cabo alto—e juntamente com o leque—uma obra prima de Watteau ou de Lancret—com o carmim e com a caixinha dos *boubons*, são levadas pelos pequenos negros que seguem as empoadas e altivas marquezitas através dos terraços de marmore e dos esplendidos jardins de Versailles.

Com o imperio a sombrinha é modificada. Não se faz com os pesados brocados de outros tempos, mas é ricamente bordada e tem o cabo muito curto.

Se nem tudo é de bom gosto no côrte de Napoleão Bonaparte ao menos tudo é rico e sumptuoso. Na Res-

tudo é rico e sumptuoso. Na Res-



1—Umbraculum romano

a Grande Made-moiselle, — tinha um cabo de dois metros de altura.

Em 1676 a sombrinha, ainda que cada vez mais leve, é geralmente levada por lacaios.

Depois durante a Regencia faz-se de seda furta-côres, com fran-

tauração, é de crêpe de China, de seda escocesa e de setim, orlada com franjas ou *marabouts*.

No reinado de Luiz Filipe, appareceu a *marquezinha*, cujo cabo se dobrava, feita de seda ás riscas ou coberta de rendas de Chantilly—no genero das que as nossas avósinhas ha cincoenta annos,

2—Cleopatra indo ao encontro de Antonio em Cuido



4—Costume archaico de rei

3—Costume de mulher do seculo V



mettiam debaixo do braço quando iam á missa e ao Passeio Publico.

Depois de ter feito as delicias do segundo Imperio, a sombrinha segue o seu caminho gloriosamente.

Madame de Pompadour, tinha uma sombrinha azul, com motivos chinezes pintados sobre placas de mica; Maria Antonieta, possuia uma elegante collecção de sombrinhas; a imperatriz Josephina gostava muito de uma que mandára fazer de seda escura e Maria Luiza, preferia-as simples, apenas com as inciaes do seu nome bordadas. Sua Magestade a Rainha D. Amelia, tinha em muito apreço um chapéu, cujo castão era formado por um grande prego vulgar.

N'estes ultimos tempos, a sombrinha tem passado por ligeiras variantes, sem que comtudo ofereça nada de novo.

Ha uns doze annos eram muito simples de seda furtacões; depois teve uma extraordinaria mas ephemera accepção, a sombrinha com flôres pintadas, apparecendo mais tarde em cascatas de rendas, em tule franzido, tendo em 1907 novamente a feição chineza e apparecendo em 1908 maiores e com farfalhudos recortes.



1—O sultão de Marrocos (desenho de Bayard)
2—O cortejo do principe de Bassac na festa da agua

mente collocadas não saíam a pé.

Depois de 1786, espalhou-se discretamente pelas ruas de Londres, mas no tempo de Isabel de Inglaterra, já ali era conhecido bem como a bengala.

Entre nós o luxo do guarda-chuva, resume-se apenas no castão, mais ou menos artisticamente cinzelado em ouro ou prata — e sobretudo, em ser usado pela portugueza elegante que em dias de chuva *sabe* sair a pé, arregaçando graciosamente a saia sobre os *dessous* de seda immaculados e sobre os pés esguios, calçadas em botinas de verniz ou em sapatos de *estylo*, próprios para a rua.

E convém notar que o sapato abotinado geralmente usado é de um supremo mau gosto tirando ao pé que a mulher portugueza tem bonito — a sua bella *finura cambrée*.

O bastão finalmente, usado pelas mulheres na antiguidade, e na historia lendaria pelas fadas, pelas divindades e pelos peregrinos, nos nossos dias, já não apparece senão nos theatros, nas ma-

gicas, nas revistas e nas Toscas que procuram no tablado os seus Cavardossis. De todas as bengalas, a mais celebre, é seguramente a de Catharina de Medicis, tallada em ebano e com incrustações de nacar.

A lugubre e dissimulada italiana, conversando risonha e affavel com o duque de Guise já condemnado á morte por Henrique III ia descrevendo com essa bengala historica e sinistra, diferentes arabescos no saibro das avenidas do seu palacio de Soissons.

As damas da cõrte de Luiz XIV usaram os altos bastões presos ao pulso com lindos laços de fitas.

Os castões das bengalas, eram em geral cinzelados por mestres de nome.

Durante perto de seculo e meio usaram-se assim, até que em 1774 — desapareceram momentaneamente por se tornarem incompatíveis com os *paniers*.

Em 1782 todas as mulheres saíam á rua, sós e petulantes, empunhando a sua bengala de bambu e oiro.

Voltaram ainda os bastões vistosamente engalanados com môlhos de fitas, desaparecendo afinal completamente em 1830. De então para cá, todas as tentativas para resuscitar esta moda



A talentosa actriz Lucilla Simões no papel de Tosca
(Cliché de nonoki)

que dava á mulher uma graça tão magestosa, teem sido inúteis!

A bengala mesmo, ficou posta de parte na acceitação, que entre nós tiveram as modas americanas e inglezas.

Com os actuaes vestidos directorio, com os chapéus que se usam cada vez maiores, o bastão seria de uma graciosidade toda nova. Mas, a portuguezia, não tem o espirito da iniciativa, limitando-se apenas a copiar as modas estrangeiras, muitas vezes ridiculas só para nosso uso — porque a franceza não adopta senão o que realmente lhe fica bem.

No entanto uma mulher bonita e elegante, faz todas as modas que quer fazer, emprestando os reflexos da sua belleza a tudo o que a rodeia.

E, como não é natural que a tímida lisboeta, por mais gentil que seja, tenha a coragem de subir o Chiado ou de fazer o Campo Grande, empunhando petulantemente um bastão engalanado com fitas e laços da côr do vestido, vamos



aconselhando o uso da sombrinha que este verão se deve combinar com a côr do vestido do chapéu.

Com uma *toilette* de tons neutros ou apagados — é de um bellissimo effeito, a sombrinha côr de damasco, projectando os seus brilhantes reflexos dourados nos rostos finos e juvenis, como é sempre galante uma mulher no abrigo vermelho d'uma sombrinha.

Comtudo por muito apreciado que seja o chapéu de sol ou de chuva, ha comtudo pessoas que como Fontaigne, consideram o seu uso mais incommodo que util.

E' verdade que a opinião do excellent philosopho, se manifestou quando este objecto, estava ainda n'um periodo de transição, entre as largas folhas d'algumas plantas das regiões intertropicaes usados na antiguidade e o aperfeiçoamento, graciosidade e leveza a que chegou depois.

Uma lavradeira de Affê provida de uma sombrinha luxuosa

(Clichê do distincto amador SR. JOÃO DE AZEVEDO)

CACILDA DE CASTRO.



CONTRA OS FRÁADES



O povo de Lisboa concorreu em massa no dia 2 de agosto ao apello da Junta Liberal que tomou a iniciativa do protesto contra as congregações pedindo a execução das leis do marquez de Pombal, Aguiar e Braamcamp. A Junta Liberal fundou-se em 1901 por occasião do celebrado caso Calmon. A opinião publica estava excita-



Luiz Filippe da Matta, Thomaz Cabreira, Mario Lino e Esteves da Fonseca. Crearam-se delegações da Junta na provincia, fizeram-se conferencias no meio do maior entusiasmo, dando esses trabalhos logar á lei de Hintze Ribeiro, relativa ás congregações, o que fez acalmar um pouco os animos. Ficou a Junta a aguardar os acontecimentos durante annos até que dian-

te das actuaes questões religiosas o sr. dr. Miguel Bombarda chamou os seus antigos companheiros para a reconstituição da Junta. Alguns d'elles tinham fallecido, outros accorreram pressurosos ao apello como os ers. Luiz Filippe da Matta e dr. Avelino Lopes Cardoso. Realizou-se então a celebre assembléa da Associação de Lojistas onde se fizeram afirmações de principios, sem intuitos politicos mas apenas com o fim de dar combate ás instituições religiosas, pedindo a execução das leis, o que de resto era o estatuto da Junta, que tomára o seguinte compromisso em 1901: «Não quer associações religiosas nem sem licença nem com licença da auctoridade. Quer a liberdade de imprensa e de reunião. Empenhará os seus esforços para ser respeitada a liberdade do cidadão. Reorganisação do ensino sobre as bases mais liberaes.» Após os congressos, propaganda, divulgação de idéas, a Junta manifestou-se novamente depois da reunião da Associação de Lojistas no comicio do dia 1

da e desde logo um grupo d'individuos de diferentes côres politicas se dispoz a fazer face aos acontecimentos, apoiando as reclamações populares. Esse nucleo era formado pelos srs. dr. Miguel Bombarda—que hoje se collocou á frente do movimento anti-jesuítico—José Dias Ferreira, que era presidente da assembléa geral, Joaquim Dias Ferreira, José Antonio Serrano, José Carvalho Pessoa, dr. Silva Amado,



1—Dr. Pinheiro Torres, deputado nacionalista
2—Dr. Miguel Bombarda, presidente da Junta Liberal
(Clichés de BOBONE)
3—Um aspecto do comicio de domingo 1 de agosto



d'agosto em que falaram os srs. drs. Miguel Bombarda, Magalhães Lima, Antonio Macieira e Campos Lima, D. Maria Clara Correia Alves, Faustino da Fonseca, Sá Pereira, Alfredo Ladeira e Agostinho Fortes, em nome do município. Eram como se vê pessoas de diversas opiniões políticas reunidas ali com o fito de fazer executar as leis referentes ás congregações, appellando para o povo de Lisboa a acompanhar na entrega da representação que para tal fim entregariam ao parlamento.

Com effeito, no dia 2 d'agosto uma multidão espantosa, calculada em cem mil pessoas, se reuniu na praça Luiz de Camões e immediações. A' frente do povo collocou-se a commissão executiva da Junta Liberal, e aquella massa immensa pôz-se a caminho das côrtes seguindo pela rua do Alecrim em direcção ao Aterro, que ficou coalhado de gente. Na luz



forte do sol, deante do rio calmo, aquella multidão fazia estrondear as palmas como um ruído repercutido na extensão da rua enorme; esvoejavam lenços brancos no meio d'esses milhares de pessoas em saudações aos promotores da manifestação que iam empre marchando para o parlamento. Ficou perfeitamente atulhada a avenida de D. Carlos e no largo de S. Bento não cabia mais ninguém; nas janellas das habitações proximas senhoras e homens acenavam tambem com lenços, e o povo, na melhor ordem, via entrar os seus delegados no atrio das côrtes, a fim de entregarem a representação ao sr. dr. Silva Amado, vice-presidente da camara dos deputados fazendo as vezes do presidente sr. Mendes Leal.

Aberta a sessão, o dr. Miguel Bombarda pronunciou um discurso em que evocou a memoria de Alexandre Herculano, lendo tambem



Os oradores:
1—O sr. dr. Miguel Bombarda 2—O sr. dr. Antonio Macieira 3—O sr. dr. Magalhães Lima
4—O sr. dr. Campos Lima 5—A tribuna do comicio



alguns artigos de jornaes de congregações, fazendo as mais rasgadas afirmações liberaes, de resto muito conhecidas pelos seus trabalhos da Junta Liberal, onde se aggregaram todos esses elementos que compõem a sua commissão executiva, e fizeram o movimento desde já celebre como um dos mais importantes da cidade de Lisboa.



Achando o assumpto tratado no seu discurso da maior opportunidade, pediu á camara para elle ser generalizado, o que não foi accete pela maioria, ouvindo-se então protestos d'alguns deputados, o que deu em resultado serem evacua-das as galerias, d'on-de os assistentes tambem se manifestavam acenando lenços. Senhoras e homens



Os oradores: 1—O sr. Sá Pereira 2—A sr.ª D. Maria Clara Cerreia Alves
3—O sr. Faustino da Fonseca 4—O sr. Agostinho Fortes
5—O sr. visconde da Ribeira Brava 6—O sr. Alfredo Ladeira



Uma multidão que protesta contra as congregações religiosas

n'uma grande excitação cor-
responderam ao viva á li-
berdade solto pelo deputado dr. Af-
onso Costa, sendo postos fóra dos
seus logares. Reaberta a sessão houve
outro tumulto, sendo despejadas no-
vamente as galerias. Então toda
aquella gente se juntou ao povo
que enchia o largo das Côrtes, e
acclamou ruidosamente o sr. dr.
Bombarda, acompanhando-o



depois, bem como a
outros vultos do movimen-
to anti-reaccionario. Uma
grande parte do commercio
cerrára as suas portas, so-
lidarisando-se com o pro-
testo. Terminou assim a
jornada da Junta Liberal,
o nucleo creado em 1901
deante do famoso ca-
so Calmon.



1—A comissão executiva da Junta Liberal: os srs. dr. Antonio Macieira, Faustino
da Fonseca, dr. Miguel Bombarda, dr. Egas Moniz, dr. José de Castro, Filippe da Matta,
Marinha de Campos 2—A multidão no largo das Duas Igrejas
3—O povo desfilando defronte do palacio das Côrtes—(Clôchê de BENOLIREL)

A - INGLATERRA



RAINHA DOS MARES



A MAIOR ARMADA DO MUNDO VISITA A MAIOR CAPITAL. DUAS PODEROSAS ESQUADRAS BRITANNICAS ENTRAM O TAMISA.

A Inglaterra acaba de fazer mais uma publica demonstração do poderio e superioridade enorme da sua armada. Terminadas as grandes manobras realizadas ao sul da Gran-Bretanha e em que tomaram parte mais de 200 vasos de guerra, o almirantado britannico resolveu, como medida instructiva para o povo da capital, ordenar pela primeira vez a entrada no Tamisa de duas das suas mais poderosas esquadras — a das Aguas Territoriaes (Home Fleet) e a do Atlantico — na força de 150 navios e 40.000 homons.



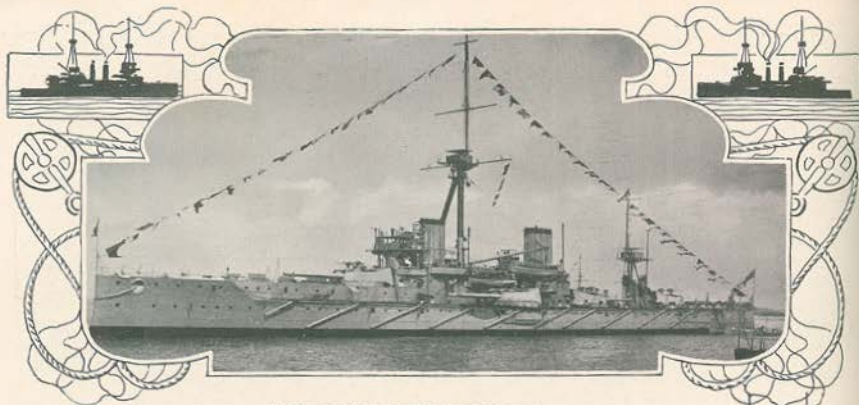
Houve quem julgasse esta exhibição desnecessaria; a sua realisação, porém, constituiu um verdadeiro triumpho. Os portos de Plymouth, Portsmouth, Exmouth e outros são muito distantes da



- 1 — Em Southend: Entrada do Tamisa. Movimento de curiosos em torno das maiores unidades de guerra
- 2 — O rei Eduardo VII, com o uniforme de almirante
- 3 — O almirante lord Charles Beresford o maior propugnador do desenvolvimento do poder naval inglez

capital e a nenhum inglez pobre é possível assistir a uma das famosas revistas de Spithead. A grande massa da população londrina ignorava completamente o que fosse um cruzador ou um torpedeiro; oito dias, porém, de demonstração ocular, acompanhada de guias explicativos, magnificos artigos descriptivos e graphicos em toda a imprensa, aclarando tudo que n'um navio moderno ha digno de interesse e sobre que particularmente incidisse a curiosidade popular, produziram mais effeito que um anno de leitura sobre a especiaidade. Quanta ignorancia removida só pelo tacto e pela vista!

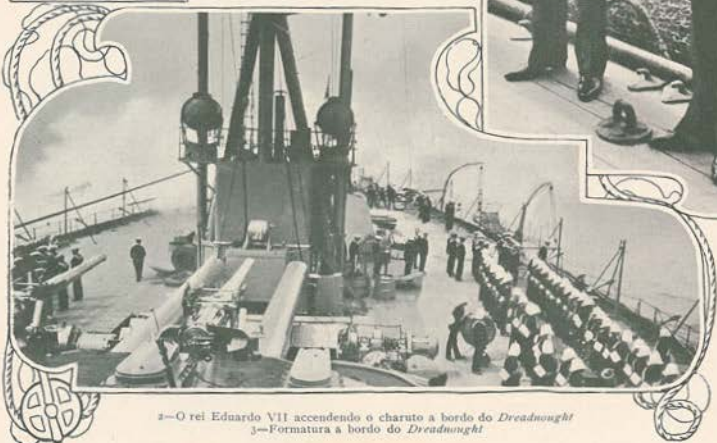
O povo tomou no certamen verdadeiro



O *Dreadnought* por ocasião da revista naval

interesse. Durante uma semana toda a cidade foi *naval*, nos theatros ou nos cafés, nas montras e nas ruas. Por outro lado, o contribuinte, que estava achando cara a marinha, viu em que se emprega o seu dinheiro e, conscio e orgulhoso do seu poderio, esqueceu já os sacrificios a que o obriga a nova lei sobre impostos para a compra de mais 6 *Dreadnoughts*. Comquanto menos interessante, mas pratico, o resultado economico da revista foi fabuloso, produzindo milhares de libras para as companhias de caminhos de ferro, de navegação fluvial, hotéis e restaurants marginaes, etc.

As povoações das pequenas cidades banhadas pelo Tamisa, entre Londres e Southend sobre a sua foz, como Gravesend, Wolwich, Dartford e Greenwich, etc., contribuíram com sommas superiores a £ 1:000 cada, para festejos em honra dos marinheiros dos navios que ancoraram em frente dos respectivos caes. Os proprietarios nas proximidades do rio conservaram sempre nas suas casas grande numero de convidados



1—O rei Eduardo VII accendendo o charuto a bordo do *Dreadnought*
3—Formatura a bordo do *Dreadnought*

elegantes. No sabbado em que as esquadras entraram, e nos dias seguintes, Londres despejou-se nas margens do seu negro rio e na



transportar-se, para que subissem para os barcos de menor calado.

Assim ficaram perto de Southend os navios de combate e os grandes cruzadores, subiram um pouco mais

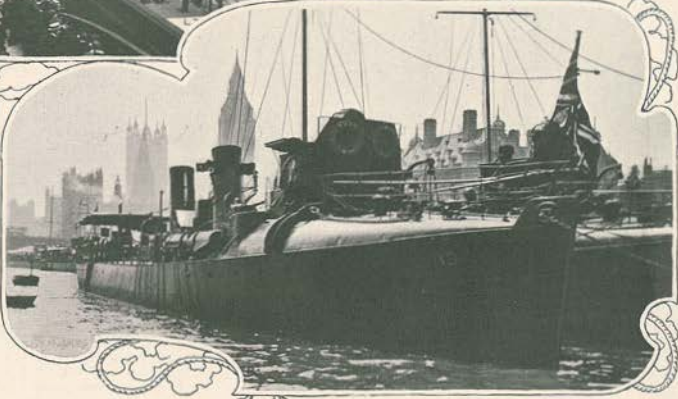


extensão de 20 milhas até ao celebre pharol de Nore, na barra. Southend foi o ponto mais favorecido, pois fundeavam ali os maiores monstros. Só na primeira tarde foram ali conduzidos uns 100:000 visitantes.

Desde manhã o movimento foi enorme. Os ingleses, grandes apaixonados da pesca, a arte própria dos homens contemplativos, transferiram para lá o seu campo d'acção e esperaram.

A' hora precisamente indicada começaram adivisar-se, por entre novellos de fumo, uns vultos negros, que cresciam rapidamente. Eram os quatro Dreadnoughts que abriam a

linha de marcha das esquadras, cujas unidades vinham dispostas em ordem decrescente de tonelagem. Como o Tamisa não é o Tejo, que pôde abrigar todas as esquadras do mundo, aquella ordem teve de

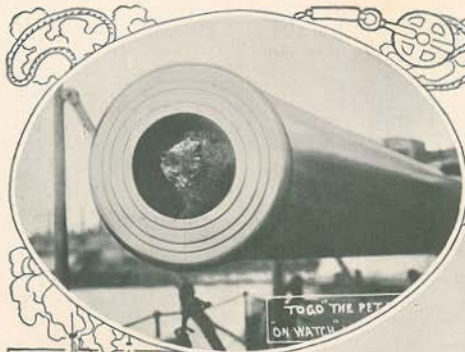


os cruzadores protegidos. A primeira grande ponte que se encontra é a «Tower Bridge», por estar collocada junto da torre de Londres. É um monumento colossal, de dois pavimentos, sendo o inferior levantado, para dar passagem aos navios de alto bordo. Quando aberta, parece um portico enorme dando acesso á cidade. Passaram-na apenas os *destroyers*, que ancoraram junto á torre: como navio grande apenas o *Hazard*, chamado a mãe dos submarinos porque os acompanha com os materiaes de que necessitam; seguiam-se os torpedeiros fun-



1—Vista do Caes de Westminster
2—Um torpedeiro
3—Os torpedeiros proximo do Parlamento (Westminster)



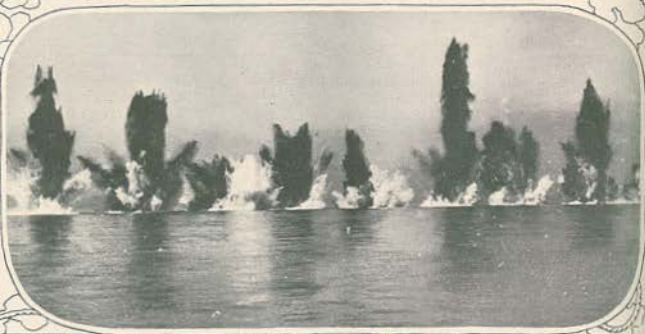


destruição que se impõem pela brutalidade, as atenções geraes iam fixar-se nos submarinos. Todos se lembravam do desastre passado dois dias antes, em que um pequeno choque fez morrer onze homens engarrafados no C. 11, salvando-se difficilmente tres. Em todos os rostos se notava uma expressão mixta de espanto, terror e admiração por aquelle punhado de heroes ou suicidas para quem a vida tinha to



deando por secções ao longo dos caes e, finalmente, serpeando por sob as pontes, parecendo grandes tartarugas sobre que alguns homens se agrupassem em torno d'um pequeno mastro, passou a flotilha dos submarinos, que foi amarrar junto ao Palacio do Parlamento e a poucos metros da sua *terrasse*.

Depois dos Dreadnoughts, os vulcões latentes de



- 1—Togo o gato do Dreadnought passeando por um canhão de 12 polegadas
- 2—Navios de guerra em frente da Terre de Londres
- 3—Manobras e explosão de minas submarinas
- 4—O submarino n.º 2 em marcha

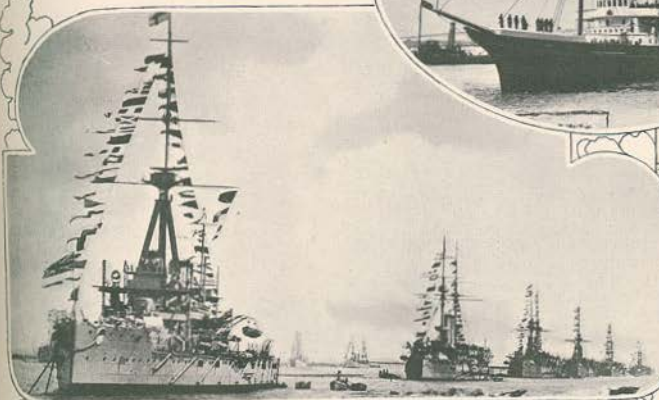
pouco preço! Passados, porém, os primeiros momentos de indecisão, fizeram-lhes uma en-



thusiastica manifestação de sympathia.

N'aquelle ancoradouro temporario foram justamente os submarinos encontrar rivaes em profundidade de submersão — eram os tubos gigantes por onde constantemente atravessam o rio os comboios electricos subterraneos de Londres.

O certamen era completo. As esquadras dispunham de tudo o necessario para uma guerra mo-



Inglaterra nem no estrangeiro.

A divisão das unidades era a seguinte: 24 navios de combate, contendo 4 do typo do *Dreadnought*, de 18:500 toneladas e 10 canhões cada, do maior calibre conhecido; 3 cruzadores-*dreadnoughts*, os mais velozes do mundo, de 17:500 toneladas cada; os restantes, do typo do *Lord Nelson* e *King Edward VII*, vão descendo em tonelagem de 16:500



1—O «yacht» *Enchantress* do almirante

2—A esquadra territorial (*Home Fleet*) com o *Dreadnought* à frente

3—Os submarinos n.ºs 14 e 16 no Tamisa

4—O passado e o presente: o *Dreadnought* passando junto da fragata *Victoria*, em que morreu Nelson

derna e uma organização nunca anteriormente obtida nem em



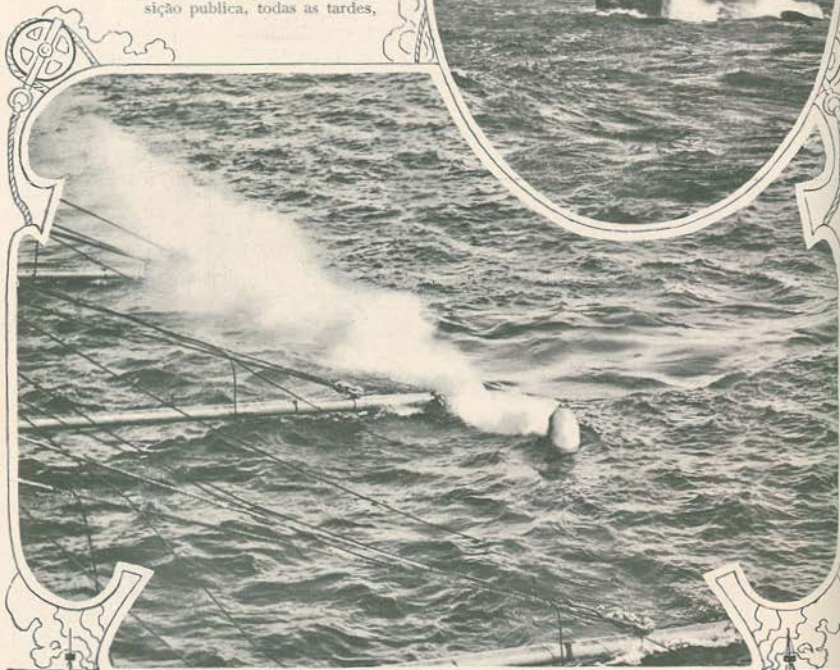


a 15 e 14:000 toneladas. Vinham depois 16 cruzadores-couraçados de 10 e 12:000 toneladas; 14 cruzadores protegidos; 55 destroyers e torpedeiros; 35 submarinos, dos 56 que actualmente tem a Inglaterra; e 6 navios auxiliares—ao todo 150 navios.

Talvez recordando a Armada Invencível, os ingleses importaram da nossa Península a palavra *Armada* e também *Flotilha*.

Realisaram-se por essa occasião manobras interessantissimas, constando de um ataque de *destroyers* áquelle colosso d'aço, que se defendia dos seus torpedos estendendo-lhes apenas a rede de protecção que o isolava detendo-os na marcha. Passaram depois tres submarinos, um fluctuando, outro submerso e o terceiro em movimentos de golfinho, mostrando-se e desaparecendo com a maior facilidade.

Todos os navios estavam em exposição publica, todas as tardes,



1—Esquadrilha de torpedeiros
 2—O *Jupiter* lançando torpedos
 3—Um torpedo explodindo contra a rede de defeza do *Dreadnought*

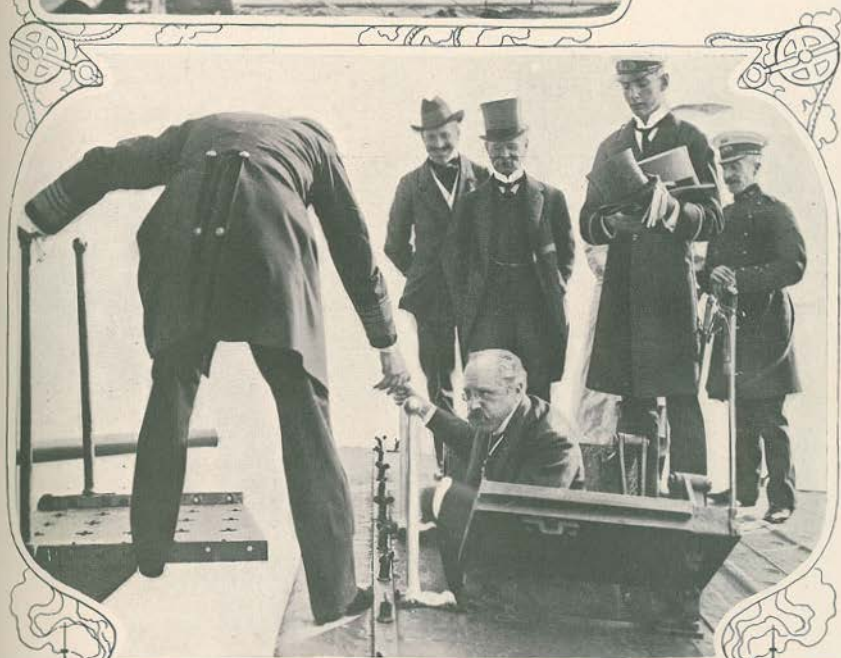


contando-se por milhares os visitantes. Eram exceptuados os submarinos pela ausencia de deck.

Ao mesmo tempo que duas esquadras visitavam Londres, pela primeira vez, uma terceira, a do Mediterraneo, no seu regresso a Malta, depois das manobras, era mandada a Lisboa, em visita affectuosa á capital da nação amiga e velha alliada.

Londres, julho, 1909.

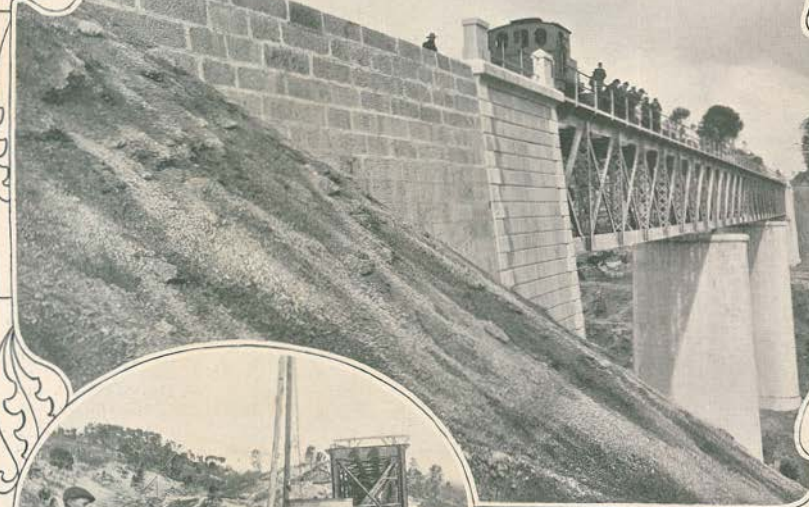
A FERREIRA D'ALMEIDA
CARVALHO



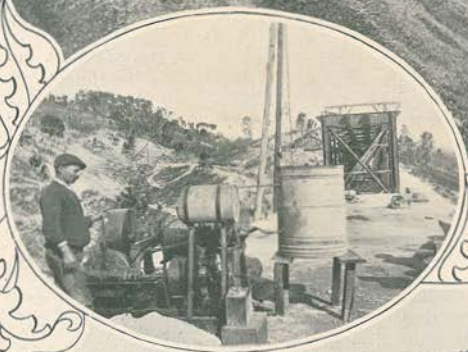
- 1—A passagem d'um submarino (n.º 51) em acção, junto do *Dreadnought* por occasião da visita do Lord Mayor
2—O Lord Mayor de Londres, saindo auxiliado pelo almirante, d'uma torre de combate do *Dreadnought*, cuja visita representou um privilegio muito especial



A PONTE DO BAIÁ



1—Um trecho do novo viaducto sobre o rio Baia a 5 kilometros da linha de Livração a Amarante



2—O aparelho monta cargas movido por uma machina de gazolina Yxion de 6 cavallos que serviu na execucao dos pilares

3—Outro trecho do viaducto
(Clichés de JOÃO QUEIROZ)

Madame O passado, presente e futuro revelado pela mais célebre chiromante e physionomista da Europa



Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lamtrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Das consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete!

Rua do Carmo, 43, sobre-loja—LISBOA Consultas a 15000 rs. 25500 e 55000 rs.

GRATIS
125 machinas
fallantes



De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1909 Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilla a de 25 réis á CASA SIMPLEX BICYCLETES

SOBRES E MACHINAS FALLANTES, de J. Castello Branco, Rua do Corro, 48 e Rua de Santo António, 32 e 34—LISBOA

Para encadernar a Já estão á venda bonitas capas em peralce de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da **Illustração Portuguesa**

P.ÆÇO 360 RÉIS Envlam-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia póde ser remittida: em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada caixa a vae acompanhada do indice e f. antepositos respectivos.

Administração do SECULO LISBOA

Nouveau Parfum VIOLET
 20, B^e DES ITALIENS — PARIS
Princia

Um bonito atestado

Menesqueville (Eure), fevereiro de 1898.
M.^{me} Sr.

Entre todos os productos que tenho experimentado até agora para conservar a bocca em estado constante de asseio, ainda não encontrei nenhum que fosse tão perfeito como sua *Pasta Dentol* e a sua agua dentifricia o *Dentol*.

Veio de experimentar estes dois antisepticos e notei que o valor microbicida d'elles é verdadeiramente admiravel, assim como o seu perfume é muito agradável. É uma criação scientifica que honra seu auctor. Aqui junto achará um vale do correio de cinco francos, queira fazer-me o obsequio de remetter quatro caixas de *Pasta Dentol*. Aceite os protestos de minha consideração.

Assignado: LEFEBVRE, Instituto em Menesqueville.



Sr. LEFEBVRE

O *Dentol* (agua, pasta e pó) é, na verdade, um dentifricio soberanamente antiseptico e com um perfume dos mais agradaveis.

Creado conforme os trabalhos de Pasteur, mata todos os maus microbios da bocca; impede o alic' e cura, com certeza a carie dos dentes, as inflamações das gengivas e as doenças da garganta. Em poucos dias faz os dentes alvos, brilhantes e destróe o tartaro. Deixa na bocca uma sezação de frescor delicioso e persistente.

Posto puro em algodão, calma instantaneamente as raivas de dentes por mais fortes que sejam.

LISBOA:

- J. P. Bastos, droguita, R. Augusta, 39.
- Pires Tavares, R. do Principe, 430.
- Pimentel & Quintans, R. da Prata, 198.
- Balsemão, perfumaria, R. da Concelção.
- Thomaz Mendonça & Filhos, perfumaria, Calçada do Combro, 45.
- Criuer, perfumaria, R. Aurea, 430.
- José Alexandre, artigos de Paris, R. Garrett.

PORTO:

- Rodrigues Irmãos, droguitas, R. das Flores, 153 a 157.
- Lima & Ramos, Largo dos Loyos, 36.
- Almeida & Lobo, Rua Mouzinho da Silveira e em todas as boas casas que vendem a perfumaria.

Brinde aos nossos leitores

Basta mandar ao sr. Marius LATHIELLE, agente geral do *DENTOL* em Portugal, Praça dos Restauradores, Lisboa, 100 réis em sellos do correio recomendoando-se de..... (indicar aqui o nome do jornal)..... para receber franco de porte pelo correio **uma linda calxinha** com um vidrinho de *Dentol*, uma caixa de *Pasta Dentol* e uma outra de *Pó Dentol*.

HEMORRHOIDAS
CURAM-SE COM OS
SUPPOSITÓRIOS
ADRENO-STYPTICOS
MIDY

EM 20 DIAS CURA RADICAL
ANEMIA e INFALLIVEL
CÔRES PALLIDAS
CHLOROSE, CONVALESCENÇA
PELO
Elixir de S. Vicente de Paula



Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL, CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15. 1^o LISBOA 1500 réis o frasco franco porte em todo Portugal. **VOILLÉ, fleur, 2, Faub^e S^t Denis, PARIS**

Companhia do 270, R. da Princeza, 276
**** LISBOA ****

3, R. Passos Manuel, 51 **Papel do Prado**
**** PORTO ****

Instaladas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo de machinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobrelinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria a Velha).

em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão e de embrulho, e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma.

Telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO Numero telephonico: 508
PRADO — PORTO — LISBOA

Michelin

Só fabrica **UMA ÚNICA**
QUALIDADE a

MELHOR!

*E não esculptura o EXTERIOR
dos seus PNEUMATICOS para
os vender*

MAIS CAROS

DEPOSITARIOS MICHELIN

COIMBRA

OLIVEIRA & C.—Avenida Navarro.

LISBOA

A. BLACK & C.—30 e 32, Rua da Boa Vista.

LAURENCEL & OLIVEIRA—88, Avenida D. Amélia.

ALBERT NEBELUNG—Garage Peugeot, Praça dos Restau-
radores.

O'NEILL—Panhard Palace, 87, Avenida da Liberdade.

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS—Rua Ale-
xandre Herculano.

PORTO

EMPRESA PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS—Rua da Li-
berdade.

JOSÉ DA SILVA MONTEIRO—133, Rua das Flores.

TEIXEIRA & IRMÃO—155, Rua de Sá da Bandeira.

JOÃO GARRIDO—Rua de Passos Manuel, 16, 18, 20.

Concurso de 1909

O SECULO

*Organizou para o anno de 1909 um novo concurso, cuja importancia
e simplicidade são superiores em tudo ás dos concursos anteriores*

ÉIS O PLANO DA IMPORTANTE DISTRIBUI-
ÇÃO DE PREMIOS:

1 DE	5:000\$000	EM INSCRIPÇÕES
3 DE	2:500\$000	„ „
4 DE	500\$000	„ „
10 DE	200\$000	„ „
10 DE	100\$000	„ „
50 DE	20\$000	EM DINHEIRO
100 DE	10\$000	„ „
350 DE	5\$000	„ „

**Esta distribuição deverá realizar-se
no fim de 1909; será publica e presi-
dida por commerciantes, industriaes,
artistas e pela auctoridade civil.**

**Além dos premios descriptos
haverá mais**

4:000
PREMIOS

REPRESENTADOS POR OBJECTOS DA MAIOR
UTILIDADE PARA TODA A GENTE

Total 4:528 Premios

Mais outro peda-
ço de um TODO que
vos dará a felicidade
de futura. Colloca-o
na vossa caderneta
de coupons e teres
alcançado meio ca-
minho para a for-
tuna

